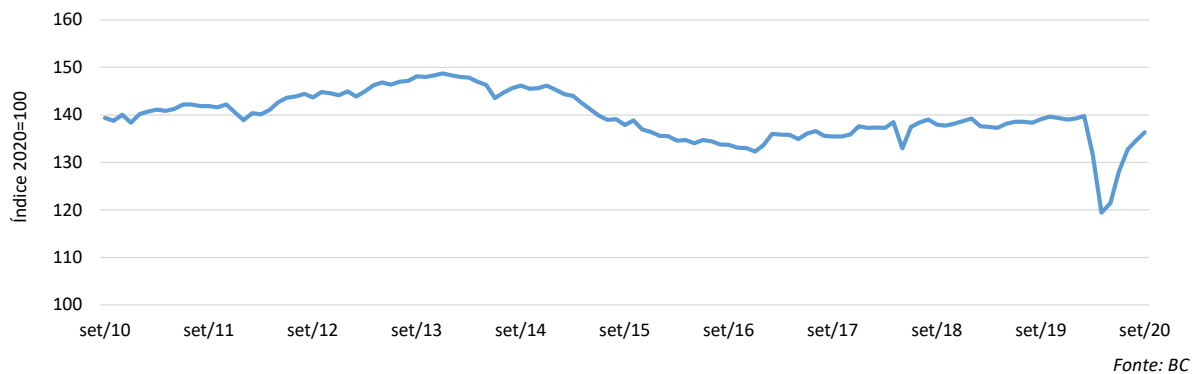


*Este parecer econômico tem por objetivo avaliar a evolução do processo de recuperação em curso no comércio varejista, em especial no ramo responsável pela comercialização de gêneros alimentícios notadamente concentrados em hiper, super, minimercados e outros estabelecimentos especializados na venda de alimentos.*

O ano de 2020 se mostrou altamente desafiador para economia mundial. A queda no ritmo de atividade econômica em nível global se deu em ritmo inédito em quase um século. Ao fim deste ano, a economia do planeta terá encolhido 4,4% segundo estimativa do Fundo Monetário Internacional (FMI). No Brasil o tombo será ainda maior (-5,8%, segundo o próprio Fundo e -4,8% segundo pesquisa semanal conduzida pelo Banco Central do Brasil).

A despeito das inevitáveis perdas impostas pela pandemia, observa-se um ritmo de recuperação da atividade econômica relativamente rápido de modo que, na ausência de novos choques negativos nos próximos meses, a economia brasileira deverá retomar nível de atividade verificado antes da pandemia do novo coronavírus na virada de 2020 para 2021.

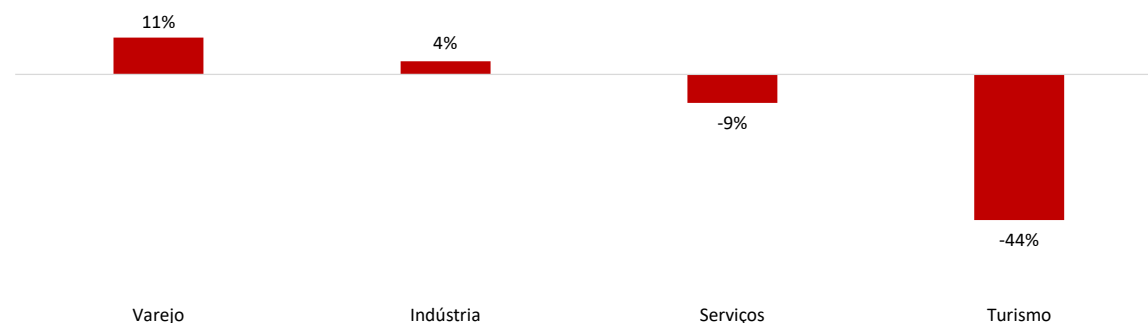
**QUADRO I**  
**ÍNDICE DE ATIVIDADE ECONÔMICA DO BANCO CENTRAL**  
(Índice 2002=100)



De fato, alguns indicadores conjunturais da economia brasileira revelam que o pior da crise de neste ano de 2020 já ficou para trás. Notadamente, os níveis de produção e vendas da agropecuária, indústria e comércio varejista já se encontram atualmente acima daqueles verificados no primeiro bimestre de 2020.

**QUADRO II**  
**INDÚSTRIA, COMÉRCIO, SERVIÇOS E TURISMO: NÍVEIS DE ATIVIDADE DE SETEMBRO EM RELAÇÃO**  
**AO 1º BIMESTRE DE 2020**

*(Variações % em relação às médias de janeiro e fevereiro)*



*\*conceito ampliado*

*Fonte: CNC e IBGE*

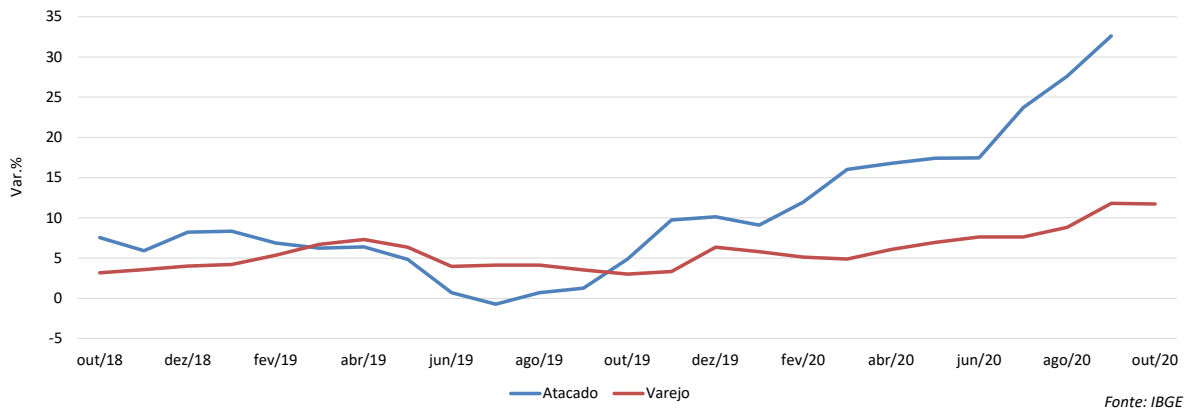
Isso não significa, entretanto que o setor produtivo já se encontra em uma situação mais favorável do que no início de 2020. Como qualquer atividade econômica, a recuperação da receita ou da produção é apenas parte do equilíbrio setorial. Há que se considerar diversas outras informações para se atestar a plena recuperação econômico-financeira de uma empresa ou de um setor de atividade.

No caso do comércio varejista, por exemplo, o fato de o volume de vendas se situar atualmente acima dos níveis pré-pandemia, não garante o equilíbrio econômico-financeiro das atividades que o compõe. Ainda que a recuperação do faturamento real do varejo seja factual, é inegável que o setor incorreu em custos e despesas mais elevados desde o início da pandemia de Covid-19.

Como forma de se adaptar àquilo que ficou conhecido como o “novo normal” o varejo brasileiro precisou despende recursos para, por exemplo, readequar o quadro de funcionários das empresas à redução do fluxo presencial de clientes, remodelar o espaço físico das lojas a novos protocolos sanitários, intensificar investimentos em novos canais de vendas, se adaptar ao choque de preços impostos pela desvalorização cambial, realinhar preços finais à alta dos preços no atacado (sobretudo dos alimentos), dentre outras medidas.

A percepção de que o setor estaria aproveitando-se da recuperação dos níveis de consumo para recompor suas margens carece de robustez, na medida em que, os preços no atacado têm, sistematicamente acusado taxas de variações superiores às do varejo nos últimos meses. Segundo o Índice de Preços ao Produtor (IPP) calculado pelo IBGE, por exemplo, nos doze meses encerrados em setembro, os preços médios dos produtos alimentícios acumularam variação de 32,6% - taxa sobremaneira distinta dos preços no varejo, que acusaram variação acumulada de 11,8% no mesmo período, de acordo com o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), apurado pelo mesmo Instituto.

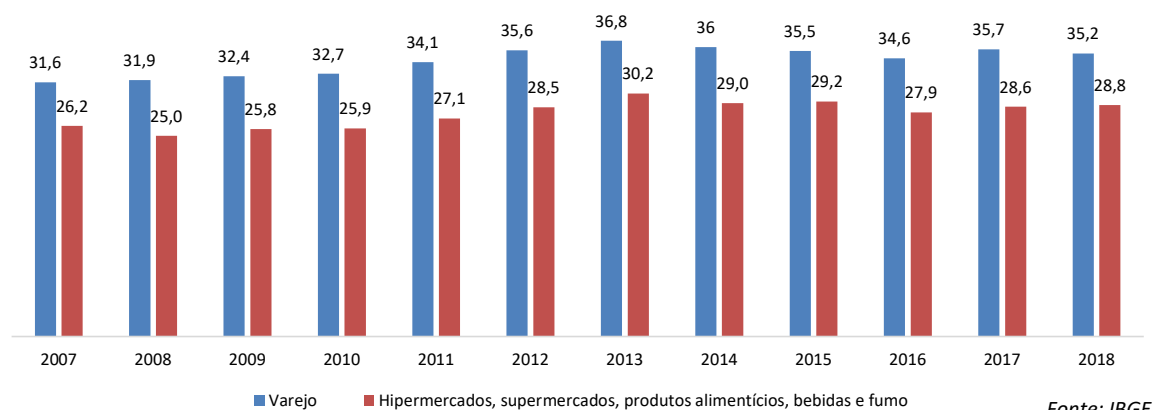
**QUADRO III**  
**VARIAÇÕES ACUMULADAS EM 12 MESES DOS PREÇOS MÉDIOS DOS PRODUTOS ALIMENTÍCIOS**  
**PRATICADOS NO ATACADO E NO VAREJO**  
*(% em relação ao custo das mercadorias revendidas)*



Particularmente no caso da venda de alimentos – o segmento mais representativo do varejo brasileiro – a adaptação a esse novo cenário ganha um agravante adicional: As margens de comercialização nesse conjunto de atividades são historicamente baixos. Ou seja, o espaço financeiro para acomodar choques econômicos é mais limitado do que na maior parte dos outros segmentos do próprio comércio varejista.

Dados históricos providos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) evidenciam isso. Em 2018, a margem de comercialização do varejo era de 35,2% ante 28,8% no ramo de hiper, super, minimercados e produtos alimentícios em geral. Cabe ressaltar que, invariavelmente, a margem de comercialização é confundida por parcela significativa da sociedade como margem de lucro. Esses conceitos, no entanto, são sobremaneira distintos.

**QUADRO IV**  
**MARGENS DE COMERCIALIZAÇÃO NO COMÉRCIO VAREJISTA E NO SEGMENTO DE HIPER, SUPER, MINIMERCADOS E PRODUTOS ALIMENTÍCIOS**  
*(% em relação ao custo das mercadorias revendidas)*



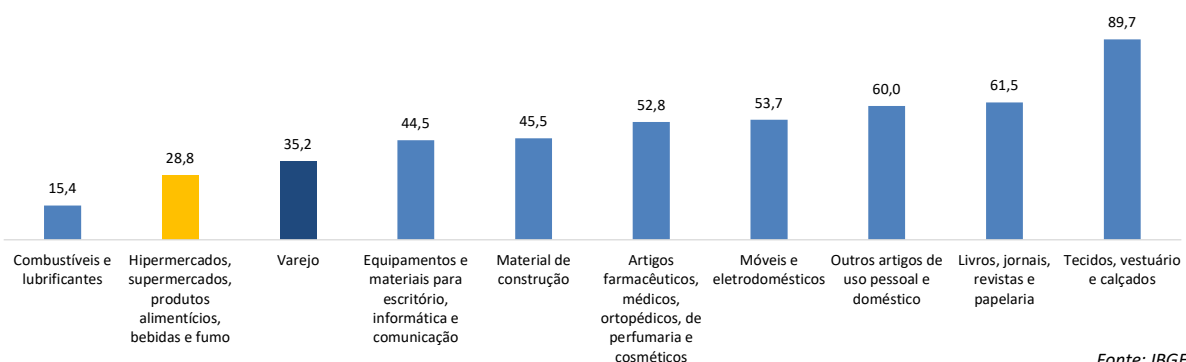
De acordo com a metodologia de apuração da Pesquisa Anual de Comércio (PAC) do próprio IBGE, a margem de comercialização corresponde à diferença entre a receita líquida de revenda e o custo das mercadorias revendidas. Refere-se ao resultado obtido pelo esforço de venda de mercadorias, deduzidos os custos de aquisição das mercadorias pelas empresas. A taxa de margem de comercialização, portanto, refere-se à relação entre a margem de comercialização e o custo das mercadorias revendidas.

Basicamente, a margem de lucro advém do saldo entre as receitas totais menos as despesas e custos totais. Assim, conceitualmente, a taxa de margem de lucro relaciona o lucro com as receitas totais de uma empresa.

Assim, as deduções de despesas como alugueis, aquisições de máquinas e equipamentos, gastos com serviços prestados por terceiros, serviços de utilidade pública (água, energia, gás, etc.) e outras despesas e dos custos relacionados ao pagamento de salários, encargos, benefícios, indenizações, impostos, impostos e contribuições sobre a folha de pagamento, etc., aproxima a margem de comercialização da margem de lucro. Contudo, apenas a primeira se mostra disponível nas pesquisas do Instituto<sup>1</sup>.

Em suma, diante da elevação de custos e despesas inerentes à recessão econômica vivenciada pela economia brasileira e global durante a atual pandemia expõe, especificamente no caso desse segmento do varejo, uma situação de maior vulnerabilidade à sustentabilidade financeira dos estabelecimentos comerciais mesmo no curto prazo, especialmente, considerando-se que, segundo os dados oficiais do próprio IBGE, esse segmento do varejo é aquele que opera com a segunda menor taxa de margem de comercialização do em todo o setor varejista.

**QUADRO V**  
**MARGENS DE COMERCIALIZAÇÃO SEGUNDO SEGMENTOS DO VAREJO EM 2018**  
(% em relação ao custo das mercadorias revendidas)



<sup>1</sup> O mais próximo que a PAC se aproxima da apuração do conceito de lucro é através do conceito de excedente operacional bruto.

Desse modo, por mais que as vendas do ramo especializado na comercialização de alimentos no varejo seja um indício de recuperação de receitas, há que se adotar cautela quanto à identificação da plena capacidade de recuperação econômico-financeira por das empresas que compõem este segmento no tocante à a sua rentabilidade como negócio.